A MARGINALIDADE COMO MOTE E DESFECHO DE UM PROGRAMA LITERÁRIO NACIONAL: O PROJETO DE ESCRITA DO CENTENÁRIO POETA, CONTISTA, ROMANCISTA E ENSAÍSTA BERNARDO ÉLIS

Rogério Max Canedo (UnB)

Edvaldo A. Bergamo (Orientador/UnB)

Pesquisa subsidiada por financiamento CAPES e CNPq

A literatura sempre foi um espaço bastante revelador. Cabe discutirmos, no entanto, como o texto literário, partindo do princípio de que cremos ser ele um reflexo não imediato da sociedade, se torna importante campo de embates, especialmente em um cenário hostil, a saber, o mundo das ideologias massacrantes e niveladoras; o ambiente da formação da má consciência, nos dizeres de Adorno (2003). O que devemos buscar, então, é verificar de que maneira as vertentes sociais, sobretudo as que menos expressão têm, aparecem nos textos de literatura brasileira e dão o mote que impulsiona a própria criação literária nesse sítio, resguardado o seu valor estético. Diante disso, o presente trabalho cumpre o papel de fazer uma leitura do conjunto de obras de Bernardo Élis pelas vias, principalmente, da representação social e histórica dos ermos de Goiás e, por isso mesmo, do próprio conjunto social brasileiro. Assim, a poesia, o conto, o romance e os ensaios aparecem aqui observados a partir do consórcio entre as camadas subjetivas e sociais espoliadas e as vertentes artísticas, propiciado pelo o diálogo estrito entre a literatura e a sociedade, tão bem representado por Élis quando se propôs a revelar a vida do homem brasileiro marginalizado. Essa investida foi o que compôs o mote, percurso e desfecho do que intitulamos de "projeto de produção literária" desse presentemente centenário autor, dando a perceber um caminho de "conhecimento da necessidade", para lembrar as palavras de Marx (2004). Perceber como a abordagem social, marginal e subalterna acontece no conjunto da obra do autor é nosso intuito aqui. Entendemos que, no caso do projeto de escrita do corumbaense, a liberdade artístico-ficcional faz com que a sua literatura transite nas esferas da sociedade brasileira mais genuína, abordando-as e fazendo compreender de forma mais humana e complexa o homem brasileiro.

Literatura. Subalternidade. Bernardo Élis

O presente exposto cumpre o papel de fazer uma leitura breve do conjunto de obras de Bernardo Élis pelas vias, principalmente, da representação social e histórica, tendo como ponto de partida a formulação estética da produção do escritor corumbaense. Assim, a poesia, o conto, o romance e ainda os ensaios de cunho historiográfico aparecem aqui observados a partir do consórcio entre as camadas subjetivas e sociais e as vertentes artísticas. Tudo isso composto por um conjunto de obras produzidas durante mais de quarenta anos de vida literária do autor. Para tanto, foi preciso eleger em cada obra um número limitado de textos que pudesse confirmar o que prevíamos. Neste caso, o diálogo estrito entre a literatura e a sociedade, tão bem representado por Élis quando se propôs a revelar a vida do homem goiano, brasileiro.

Longe de um mapeamento puramente sociológico, o objetivo aqui é verificar de que maneira as vertentes sociais, sobretudo as que menos expressão têm, aparecem nos textos do autor e dão o mote que impulsiona a própria criação literária, munida de forte valor estético. Ademais, é sempre bom lembrar que não se trata de contar a história como circunstância de produção do texto, antes, é ela o próprio texto, constituindo sua estrutura. E é essa capacidade que vai definir o sucesso da obra literária, na medida em que "os elementos de ordem social serão filtrados através de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura, para entender a singularidade e a autonomia da obra" (CANDIDO, 1965, p. 16-7). É assim nas obras de Bernardo Élis, situadas nesse campo que capta o mundo e o transforma em outro, tão verídico quanto o primeiro, por fictício que seja.

Bernardo Élis Fleury de Campos Curado nasceu em 1915, na cidade de Corumbá, hoje Corumbá de Goiás. Sempre teve um contato muito íntimo com as classes sociais espoliadas e de linguajar peculiar. Esse contato se reflete em várias obras que escreveu, fazendo surgir uma de suas configurações identitárias mais latente, a saber, a marca de autor regionalista, devido mesmo ao grande número de contos que configuram essa especificidade de sua produção literária. Já aqui, vão surgindo evidências acerca da necessidade de que o autor teve enquanto homem que representa o seu tempo e o seu povo. Apesar de não pertencer às classes menos favorecidas de Goiás, Élis foi capaz de apresentar o sertanejo goiano com muita maestria, ao mesmo tempo em que respondia a outra necessidade, a de caricaturar um país que encenava a modernização e mantinha, contraditoriamente, aguda marca rural devido à estrutura colonial que perdura nos ermos do país e que, por sua vez, decorre do processo de sua ocupação e exploração. Nesse aspecto, o escritor assume a postura de resguardar, ao mesmo tempo expondo, as peculiaridades locais pertencentes a um determinado grupo social, além de colocar em evidência o problema da permanência do atraso goiano que parecia ser uma questão ainda não resolvida, pelo menos no espírito do homem local, até a década de 1980, época em que Élis dedica-se com bastante empenho aos estudos historiográficos.

Pelas vias da representação, Bernardo Élis é visto como importante pesquisador da história e cultura goiana, publicando vários ensaios voltados para essa temática. Sua preocupação histórica pode ser percebida, particularmente, no conjunto de textos que escreveu sobre a história local e acerca de personalidades goianas. Merece destaque o estudo intitulado *Marechal Xavier Curado, criador do exército nacional* por reconstruir a importância que teve o ilustre tenente-coronel, ascendente da família do escritor, em

prol da defesa do território brasileiro em vias de independência. Publicado em 1973, este estudo faz parte de extenso rol de escritos que objetivaram contribuir com a historiografia que se fez de seu povo. Enquanto romancista, das três obras que Élis escreveu, duas são sobre temas históricos goianos: *O Tronco*, de 1956, e *Chegou o governador*, de 1987. Assim, o romancista parece tornar plausível verificar, em sua ficção, como esta se apropria do material histórico para a (re)construção dessa matéria em literatura.

Sendo assim, é mister insistir na necessidade de representação social e de apropriação da matéria histórica a que se dedicou Bernardo Élis em suas obras. Para tanto, far-se-á um caminho de leitura sobre algumas de suas produções, buscando ilustrar as condições de elaboração de um autor tão envolvido com as camadas sociais espoliadas. E, nesse percurso, a poesia bernardiana é a que primeiro aparece como esboço de um projeto estético-ideológico, como veremos a seguir.

A poesia

Privilegiou-se aqui iniciar pelos primeiros escritos que já mostravam a capacidade artística e de representação do corumbaense. Segundo aponta a crítica literária, sua primeira obra sistematizada[1] foi *Primeira Chuva* (1955). Apesar de a publicação constar da década de 1950, o único livro de poesia do autor foi produzido entre os anos de 1934 e 1943.

Nessa obra, Bernardo Élis segue na contramão do modernismo goiano festivo, conservando a postura de um lírico mais realista. O autor foi poeta promotor de "toda uma nova sensibilidade poética, caracterizada pela linguagem nova para a época, por ritmos desconhecidos em Goiás, por imagens pitorescas e pela ironia deliciosa de um observador adolescente" (TELES, 1995, p. 195). Bernardo Élis promoveu esse projeto literário tendo como cenário principal a Cidade de Goiás, antiga capital do Estado. A velha Vila Boa revela, nos traços poéticos de Élis, as ruas, praças e casarões que viveram os melhores anos da cidade sede, espaço dado agora à ruína físico-espiritual e que se contenta com o

[1] Entendemos por *sistematizada* uma prática regular de escrita de poesia de Bernardo Élis. Apesar de terem sido escritas e organizadas primeiro, as poesias que compõem o livro *Primeira Chuva* só vêm à luz depois da publicação do livro de contos *Ermos e Gerais*. Contudo, antes da consagração literária, em sua juventude de estudante na cidade de Goiás, o autor veicula seus primeiros textos no então jornal *O Lyceu*, do Grêmio Estudantil do colégio Lyceu. Já na primeira edição do folhetim, Élis inicia sua carreira como poeta, tornando público o poema *A Chaminé*. Cf. *Presença Literária em Bernardo Élis* (1970), Nelly Alves de Almeida.

que foi. Nessa dialética, a poesia de Bernardo Élis consegue recuperar um traço forte de nostalgia e melancolia, que são expressos via paisagens da cidade por onde passeia o sujeito lírico. O cenário poetizado serve, assim, de pretexto para elencar oposições próprias do mundo novo, fazendo surgir um olhar pessimista e não menos palpável para com as coisas. No conjunto dessa poesia, Bernardo Élis promove a reflexão acerca das questões sociais, a partir de uma visão lírica quase sempre elencada pela lembrança de teor decadente. É o caso, por exemplo, do poema "Dasdôres da minha infância" (ÉLIS, 1971, p. 51)

A modernidade em pauta é outro viés pelo qual o leitor pode encontrar os desdobramentos dessa poesia. As contradições advindas da nova ordem são acessadas à primeira leitura. O poeta demonstra grande preocupação em detectar as consequências típicas da modernidade e revelá-las pelo caminho poético. No poema "Ponta de Rua" (ÉLIS, 1971, p. 46-47), Élis apresenta uma situação recorrente nas pacatas cidades que são tomadas pelo desenvolvimentismo. O conflito entre o espaço anterior e o novo se estabelece nesse poema na medida em que esses espaços que configuram o campo do arcaico e do moderno se chocam, figurados por uma rua que surge invadindo os recintos antigos, mas estagna-se em determinado estágio. O lugar onde a rua parou pode ser visto como o ambiente de resistência representado pela natureza: "A rua parou no meio do campo aberto/Mais uns passos era a várzea/o córrego/o pasto cheio de vacas manteúdas/e bezerros espertos". A partir daí, os versos vão iluminando esses dois ambientes aparentemente tão distintos e contrários ilustrados por: "A rua parou/aí também parou a vida/Lá em baixo é aquela inferneira de automóveis/de buzinas/de rádios/altofalantes/letreiros/carroças – o diabo" ou "Aqui as casas baixas/cêrcas de mandacarus/gente em manga de camisa sentado à porta da rua/pitando/batendo papo/numa calma franciscana". Por fim, a noite cai, e as distinções tão marcadas destes dois espaços se fazem comprometidas, aliás, como toda tentativa fracassada de negação da modernidade, invasora e inevitável: "Mocinhas namorando soldados de polícia no escuro/[...] As mulheres da venda do Mumbuca/bebem cachaça e xingam nomes feios/Elas também cantavam outrora".

Essa dialética aparece em outros poemas da coletânea como em "Boiadeiro ouvindo rádio" (ÉLIS, 1971, p. 55) ou "Partida automática" (ÉLIS, 1971, p. 74). No entanto, é em "A cachaça de meu avô" (ÉLIS, 1971, p. 32-34) que se destaca a forte lembrança de um tempo que se perdeu: "A cachaça de meu avô/eram os carros de boi/Que paixão besta!". Pela ótica do neto – agente do moderno – conhecemos a

necessidade estranha de seu avô em sempre parar tudo o que estava fazendo para recuperar um passado, mesmo se esse comportamento lhe valesse problemas do mundo em que vive e que é tão diferente dele: “Da casa dele à Repartição/era um bom pedaço de chão/Mas se um carro de bois/cantava perto/passando por sua porta, na rua da Estrada/meu avô largava o prato/e voava a ver o carro”.

O autor de *Primeira Chuva* promove uma poesia de temática local, social e de forma subjetiva, dando vazão às questões cotidianas, bem ao estilo de certo modernismo. Através dos recursos utilizados pelo autor, a expressão poética ultrapassa os limites da leitura despretensiosa para ser também comunicação, *práxis*, por meio de uma linguagem direta. Élis constrói seus poemas com uma consciência artística e social ao mesmo tempo em que o faz de forma cautelosa. Contudo, é no conto, talvez sua mais reconhecida produção artística, que a representação social apresenta um vigor mais acentuado, como vermos adiante.

O conto

Numa outra via, ao longo de seus quarenta anos de escrita, Bernardo Élis publica vários contos, distribuídos nas coletâneas do gênero e de caráter regionalista. Essa constante atividade inicia-se com a publicação de *Ermos e Gerais* em 1944 e termina em 1984 com *Apenas um violão*, além da obra póstuma *Onde canta a seriema*, de 2005. Durante esse percurso de escrita surgiram outras antologias compostas por contos éditos e inéditos, como é o caso de *Caminhos e descaminhos*, 1965, prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras; *Veranico de janeiro*, 1966, prêmio José Lins do Rego; *Caminhos dos gerais*, 1975 e *André louco*, 1978 e ainda a publicação de *Contos escolhidos*, pela editora Horizonte em 1985. Em suas narrativas curtas, o autor não perde de vista a potencialidade de representar o homem, pelo contrário, é nessa especificidade artística que Bernardo Élis deposita sua melhor produção estético-social. Ao construir suas obras, absorvendo nelas o homem sertanejo, o contista configura um cenário de precariedades e de espoliação a que se submetem, sem uma segunda alternativa, os simples viventes dos ermos goianos. Seus contos revelam uma função literária de cunho explicitamente social. Neles, se conhecem as raízes, a identidade e os desdobramentos de um espaço marcado pelo despotismo de determinadas forças políticas locais, assim como a árdua tarefa de sobrevivência dos seres subjugados pela precariedade social, econômica e, principalmente, pela falta de liberdade. Ao criar personagens em

seus limites de vida, como a figura da índia Put-Kôe ou do ladrão do conto “A lavadeira chamava-se pedra” ou, ainda, do personagem Rosa, do conto homônimo, Bernardo Élis contribui com a reflexão acerca da própria condição de marginalizado do homem goiano, sem forças suficientes para se auto-representear.

Com forte carga reflexiva e crítica, seus contos funcionam como denúncia da situação de homens e mulheres desumanizados, que vivem à margem, desprovidos de qualquer benefício de ordem social, política e principalmente econômica. Seres que “na pena de Bernardo Élis, [...] tentarão superar as adversidades, a despeito do coronelismo arraigado em terras centroestes e pelo mergulho no subdesenvolvimento”, segundo aponta Rogério Santana dos Santos (2004, p. 122-3). O combustível das narrativas de Élis encontra-se justamente onde o forte apelo político e denúncia social passam a dar voz aos desvalidos e sobrelevar toda ordem de mazelas a que estão acometidos esses homens dos ermos do Brasil, sem perspectivas de vida melhor, pois essa solução imediata não existe.

Em *Ermos e Gerais*, talvez seu mais comentado livro de contos, Bernardo Élis já expõe o homem em sua nudez de vida, na escassez de sua liberdade e na dura tarefa pela sobrevivência. Esta obra foi capaz de transportar ao nível da escrita os problemas relativos à liberdade, à luta dos subjugados e ao medo ante a própria condição do homem e do meio. Esse livro de contos de Bernardo Élis, digno de fazer com que os primeiros modernistas conferissem ao autor o título de maior contista do Brasil Central, revela “uma visão de conjunto que abrange os aspectos mais variados: às vezes rude, agreste, ora sociológico e até filosófico” (ALMEIDA, A. 1970, p. 40-1).

É assim também em *Caminhos e descaminhos*, coletânea que traz contos como “Missa de primeiro de ano” em que homem e animal repartem o mesmo espaço, onde o cachorro se faz mais audacioso que o leigo pedinte, invadindo a santa missa e interrompendo-a, enquanto aquele, menos notável, apenas com seus poucos engenhos de esmoleiro invisível, quase sucumbe em sua própria condição de não-ser. A truculenta violência à criança também aparece em “Domingo, três horas da tarde”. Acusado do roubo de um brinquedo, o pobre menino é arrastado violentamente pelo Brutamontes que aplicará o castigo. Com muita dificuldade é provada a inocência da criança, não sem antes ter ela sofrido os abusos físicos e morais do indolente corretor.

Em relação à *Veranico de janeiro*, Bernardo Élis parece acentuar sua capacidade de recuperação dos tipos humanos de Goiás. Para Nelly de Almeida, esse livro dá ao escritor goiano a confirmação de sua posição literária de destaque e de obra

perfeitamente realizada. Em suas palavras, “há, nas páginas, a presença de uma estrutura social vazia e o aniquilamento, em consequência disso, do homem e de suas aspirações, que se traduzem tão somente no mínino para a satisfação de seus anseios” (ALMEIDA, 1970, p. 50).

A representação social neste livro de contos é bem marcada pela configuração que assumem os personagens das narrativas; basta lembrar a figura de Supriano e sua saga, em busca do objeto de trabalho, no célebre conto “A enxada”. Todavia, também ganha destaque nessa análise o conto “Rosa”, que compõe a coletânea de enredos curtos. Novamente, trata-se da história de uma mulher que veio de longe, sem que se saiba ao certo seu lugar de origem, e que bate à porta da família de seu Reimundo enquanto estes almoçavam. Quem dá mais importância ao chamado provindo de fora é o filho do patriarca que, angustiado por socorrer quem quer que fosse, clamava ao pai para que lhe desse a permissão de abrir a casa e deixar que entrasse a pobre alma que chamava. Com o término da refeição, Reimundo abre a porta e descobre tratar-se de Rosa, moça humilde e que logo se mostra subserviente. É assim que ela se apresenta à Rita, esposa de Reimundo: “- Sô chegante, Sá dona, num conheço ninguém no comerço...” (*V.J.*, p. 66).

Da coletânea *Contos esparsos* separamos o conto “A lavadeira chamava-se pedra”. Nele, os dois principais personagens estão à margem da sociedade: são eles o ladrão e a lavadeira. A configuração de ladrão do conto em questão é bem particular. Isso porque, em determinado momento, convencionou-se chamar um homem de ladrão, mesmo que, praticamente, os habitantes nunca tenham confirmado as possíveis atitudes escusas, em razão das quais acusavam o dito embusteiro, salvo quando o mesmo procurou Arguinusa, a dona de uma jóia preciosa para fazer-lhe a restituição da pedra, não necessariamente roubada. A partir de tal ato, o condenado homem foi impiedosamente batizado ladrão, e qualquer que fosse o descuido dos outros, ele era injustamente penalizado. Apenas tinha como amiga a lavadeira, que a custo sustentava seu único filho com o diminuto salário, que dava para os mantimentos básicos à sobrevivência. Por isso, ao ver a prole da pobre mulher em sua vontade de ganhar uma gaita, o ladrão se prontificou a presentear o menino, mesmo que isso lhe custasse caro e, nesse caso, a própria vida.

O romance

Nos textos de maior extensão, a capacidade do autor de apresentar a sociedade por vias da literatura fica também evidente, como é o caso de *A terra e as carabinas*, romance publicado primeiramente em 1951. Essa obra é pouco conhecida dos leitores e não recebeu da crítica literária especializada a atenção que merece, por se tratar de uma obra engajada. Comecemos por apresentar tais razões que formam a ideologia de esquerda, carro chefe dessa narrativa, e que pode ser percebida, por exemplo, na poética comparação entre a água e as palavras de Carijó, personagem do livro:

> Água que cai da nuvem, penetra na terra, desaparece aqui, mas renasce além mais pura, que ressurge no fruto que amadurece, na flor que desabrocha, no bicho que corre na selva densa, - assim as palavras de Carijó foram arrastadas para as charqueadas, para as fábricas, para as construções, para os sindicatos, para todo lugar onde alguém trabalhasse e sonhasse com uma vida melhor. (*A.T.A.C.*, 1987, p. 57)

As situações e os personagens presentes nesse texto ainda encontram ressonância em nosso tempo, atestando a capacidade do autor de retratar a condição humana, dando-lhe tratamento estético e uma dimensão universal atemporal, e que aqui estão ligados diretamente ao viés ideológico de esquerda do autor. *A terra e as carabinas* é a história de um conflito entre os trabalhadores que lutam por melhores condições de vida no campo, salientando o poder dos donos de terras que subjugam os homens através da política e das armas. A narrativa conta a trajetória de um trabalhador rural, Totinha, que, conquistando a consciência ideológica, afronta as carabinas, assim como também representa a história de todos os homens que se querem livres. Essa obra serve de referencial para compreendermos a ideologia de Bernardo Élis em pelo menos boa parte de sua escrita literária, mesmo que *A terra e as carabinas* tenha sido escrita em um período específico, em um local específico, para um público específico. Na década de 1950, a ideologia marxista predominava na classe intelectual brasileira, influenciada pela grande pressão das guerras e dos conflitos político-ideológicos delas consequentes. Bernardo Élis, como a maioria dos intelectuais goianos, foi militante de frente esquerdista brasileira, que tinha como parâmetro a visão de que a sociedade só se desenvolveria dando melhores condições de vida à população, ou seja, garantindo a sobrevivência conforme a necessidade de cada um.

Outro importante texto do autor é o famoso romance *O Tronco*[2], publicado pela primeira vez em 1956. Nele, Bernardo Élis consegue representar a história dos primeiros anos do século XX em Goiás e, ainda, expor as marcas e as consequências do isolamento e da decadência que acometeram o espírito do povo goiano desde o fim do ciclo aurífero. Mas é, sobretudo, o jogo político que engendra com vigor as páginas da historiografia goiana nas três primeiras décadas do século XX e que se torna temática recorrente para autores da literatura regional no Estado e, por conseguinte, mote desse romance, o foco principal da obra. Ocorre que, acompanhado pela visão de um mundo distante e inóspito, Goiás foi obrigado a conviver com no mínimo duas forças políticas bem divergentes. De um lado, a instituição da máquina do Estado Moderno, a que chamaremos de *Nova Ordem*, dispondo de uma pretensão moral e política oficial, ao mesmo tempo em que se deparava com um inegável sucateamento militar; do outro, a força do coronelismo, tido aqui como *Velha Ordem*. Forte e altiva, a autoridade do coronel empenha-se na defesa de seus interesses e, portanto julga-os coletivos. Tais homens exerciam nos recônditos do país uma força regulada pela violência, reforçada pelo medo e medida pela ignorância. É esse o cenário do romance *O Tronco*, e, nesta obra, o autor revela um determinado tempo e espaço que levam o leitor a um viver peculiar do centro-oeste brasileiro dos primeiros anos do século XX. O fio condutor da historiografia, nesse caso, se faz extremamente importante para a construção da narrativa ficcional, tanto que promove um profícuo diálogo entre literatura e história.

No romance, os contrários não entram em acordo, o coronelismo não deixa de ser força precípua, o desfecho não acalenta nenhuma saída honrosa, antes choca pela agressividade no combate entre as forças que assolam a Vila e seus habitantes. Os conflitos da obra não são resolvidos, até porque eles não são unicamente da obra, mas da própria sociedade, vistos contraditoriamente aqui pelas veredas da ficção.

---

[2] Esse romance tem como pano de fundo histórico a invasão de jagunços na cidade de São José do Duro, mais conhecida por Vila do Duro, extremo norte de Goiás, hoje, Estado do Tocantins. Tal evento ocorreu no ano de 1919 e foi tratado pela historiografia como *A chacina do Duro*. Vale a pena dizer que o confronto se deu devido às forças despóticas, exercidas em determinadas regiões de Goiás por homens de avultada influência, seja por vias políticas ou de posses. Esse período foi também conhecido no Brasil da Primeira República como *república dos coronéis*, ou, *coronelismo*.

Engendrada na ficção, a história de Goiás vai sendo recontada. Assim, é através do arranjo artístico que o escritor faz com a historiografia e com a literatura, por meio de sua faina com a linguagem, que o leitor vai tendo acesso ao mundo dos personagens inseridos numa conjuntura epocal. O romance em questão serve ao leitor e aos seus personagens, tendo em vista que a literatura é aqui, como a definiu Aristóteles, na *Poética* (1992), uma espécie de *anagnórisis*, na medida em que favorece a passagem da ignorância ao saber. Assim, a obra de que falamos vai se validando. O narrador, representante mais próximo do escritor, propicia o entender das necessidades mais prementes de uma sociedade, através de modelos criados de forma fictícia, ao mesmo tempo em que a faz conhecedora de sua própria condição social. Por esse caminho, a narrativa pode abrir um leque de percepções acerca da realidade, muito maior do que a percepção da história, como disciplina e área de conhecimento. Ao fazer isso, questiona a veracidade da narrativa histórica. Daí a sua relevância enquanto obra literária: dar a ver aquilo que não se pode enxergar facilmente sem os recursos fictícios da obra de arte.

O ensaio

O autor de todas essas narrativas de ficção não foi apenas o formulador de personagens imaginários. Bernardo Élis desenvolveu também vasto trabalho de pesquisa especificamente histórica, contribuindo em grande medida para a historiografia goiana. Esse ficcionista escreveu vários ensaios de importância voltada para o factual, promovendo seus textos com uma linguagem marcada pendularmente pela leveza e profundidade típicas de um artista do gabarito do autor. Alguns ensaios, inclusive, misturam aos temas de ordem estritamente histórica comentários de viés literário, assim como o faz, por exemplo, em *Goiás em sol maior*. Nesta publicação, de 1985, os temas vão desde as personalidades políticas, passando pelas curiosidades da cultura e dos costumes locais, até a apresentação dos primeiros nomes que compuseram o quadro artístico goiano.

Ainda nessa obra, que conta com dezoito ensaios, todos com subdivisões, o goiano de Corumbá fala sobre o cenário político, econômico e social que compunha a aura reinante, quando do projeto de mudança da capital do Estado. Nele, são abordados temas sobre o lançamento da pedra fundamental de Goiânia, incluindo o discurso do então governador Pedro Ludovico, até a efetiva transferência dos poderes para a nova sede. Entre as principais discussões do texto em questão situam-se: os efeitos da empreitada de Ludovico; o perfil da arte goiana na nova capital, predominantemente *art deco*; o processo de busca pela comunicação com o norte, bem mais próximo

ideologicamente do sul e, ainda, da moderna estrada que se abre, a BR-452, batizada também como a primeira autovia do Estado.

Nessa mesma década, Bernardo Élis publica outras coletâneas ensaísticas, como *Lucro e/ou Logro* e *Jeca Jica, Jica Jeca*. No entanto, seu mais longo ensaio literário foi publicado em 1980 e depois passou a compor o quinto volume da coleção intitulada *Alma de Goiás* e traz o título: "Os enigmas de Bartolomeu Antônio Cordovil". Esse trabalho expõe a figura do professor régio em gramática, que viveu em Pirinópolis até 1800, data de sua morte. O protagonista do texto escreve seus primeiros poemas na segunda metade do século XVIII, e é para defender sua posição de precursor da literatura em Goiás e fazer lembrar esse importante nome das letras que Bernardo Élis lhe dedica mais de cem páginas. Para tanto, Élis examina vários documentos históricos e cita-os ao longo de seu ensaio, como no caso dos poemas e do estudo cronológico da vida de Cordovil, encontrados no *Memórias históricas do Rio de Janeiro e das Províncias anexas à Jurisdição do Vice-Rei do Estado do Brasil*, escrito por José de Souza Azevedo Pizarro de Araújo e publicado em 1822 pela Tipografia Silva Porto & Cia. Essa informação é oferecida logo no segundo capítulo do texto de Élis.

Como se percebe, a produção artística de Bernardo Élis, seguida de suas pesquisas de cunho propriamente historiográfico, confirmam a preocupação com o resgate da história local e a longa e persistente tarefa de expor sua terra através de sua pena. O poeta, o contista, o romancista e o historiador formam uma só *persona* literária de espírito empenhado e incansável. Foi da cultura goiana que Bernardo Élis se tornou o grande intérprete e o grande historiador, dela se valeu como matéria e combustível, para lembrar as palavras de Paulo Bertran. Segundo o conhecido historiador, a figura do autor de *Ermos e Gerais* atesta o importante papel que teve em relação à história local "não apenas como a curiosidade umbilical perpétua, de saber de onde viemos, mas como da interrogação que todo estudioso sério deve fazer sobre a história de seu povo" (BERTRAN, 1998, p. 21).

Bibliografia

ADORNO, Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade. In:_____. **Notas de Literatura I**. Trad. Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2003, p. 65-89.

ALMEIDA, Nelly Alves de. **Presença literária de Bernardo Élis**. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1970.

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudoro de Sousa. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1992.

BERTRAN, Paulo. Elegia a Bernardo Élis. **DF Letras**: A Revista Cultural de Brasília, Brasília, ano IV/V, s/v, n. 47, p. 20-23, 1998.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

ÉLIS, Bernardo. **Primeira Chuva**. Goiânia: Oriente, 1971.

_____. **André Louco**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

_____. **O Tronco**. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

_____. **Caminhos dos Gerais**. Rio de Janeiro; Goiânia: Civilização Brasileira; Editora da Universidade Federal de Goiás, 1981.

_____. Veranico de janeiro. In: **Obra reunida de Bernardo Élis**. v.1. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987, p. 01-143. (Coleção Alma de Goiás).

_____. Ermos e gerais. In: **Obra reunida de Bernardo Élis**. v.1. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987, p. 01-183. (Coleção Alma de Goiás).

_____. Caminhos e descaminhos. In: **Obra reunida de Bernardo Élis**. v.1. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987, 01-130. (Coleção Alma de Goiás).

_____. A terra e as carabinas. In: **Obra reunida de Bernardo Élis**. v.2. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987, p. 01-122. (Coleção Alma de Goiás).

_____. Contos esparsos. In: **Obra reunida de Bernardo Élis**. v.3. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987, p. 01-85. (Coleção Alma de Goiás).

_____. Goiás em sol maior. In: **Obra reunida de Bernardo Élis**. v.4. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987, p. 01-188. (Coleção Alma de Goiás).

_____. Lucro e/ou logro. In: **Obra reunida de Bernardo Élis**. v.4. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987, p. 01-155. (Coleção Alma de Goiás).

_____. Jeca jica – Jica jeca. In: **Obra reunida de Bernardo Élis**. v.4. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987, p. 01-94. (Coleção Alma de Goiás).

_____. Os enigmas de Bartolomeu Antônio Cordovil. In: **Obra reunida de Bernardo Élis**. v.5. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987, p. 01-113. (Coleção Alma de Goiás).

_____. Marechal Xavier Curado: criador do exército nacional. In: **Obra reunida de Bernardo Élis**. v.5. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987, p. 01-206. (Coleção Alma de Goiás).

_____. **Chegou o governador**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

_____. **Ermos e gerais**. Luiz Gonzaga Marchezam (org.). São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Coleção Contista e Cronistas do Brasil).

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

PILATI, Alexandre. **A nação drummondiana**: quatro estudos sobre a presença do Brasil na poesia de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

SANTANA, Rogério. **O triunfo do conto: em Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Élis**. 2004. 359 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

TELES, Gilberto Mendonça. **Estudos goianos II**: a crítica e o princípio do prazer. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1995.